

A descortesia como estratégia argumentativa em interações virtuais polêmicas

Jessica Oliveira Fernandes*
Mônica Magalhães Cavalcante**

Resumo: A argumentação intenta influenciar o outro por meio de diversas estratégias textuais/discursivas, dentre as quais destacamos a (des)cortesia. O presente trabalho tem o objetivo de apontar aspectos que possibilitam a interface entre a abordagem sobre Argumentação desenvolvida por Amossy (2017, 2018) e a perspectiva sociopragmática de (des)cortesia (MARLANGEON, 2014, 2017; BRAVO, 2005, 2010). Essa interface é ilustrada pelas trocas entre usuários comuns do Instagram, os quais comentam uma publicação/notícia veiculada na página de um jornal (@portalg1). Nossa hipótese é que os índices de (des)cortesia presentes nos comentários colaboram sensivelmente para as tentativas de desqualificação do outro nas polêmicas.

Palavras-chave: Redes sociais. Argumentação. Polêmica. (Des)cortesia.

Abstract: The argumentation tries to influence the other through various textual/discursive strategies, among then we highlight (un)politeness. This work aims to point out aspects that allow to interface between an approach on Argumentation developed by Amossy (2017, 2018) and a sociopragmatic perspective of (un)politeness (MARLANGEON, 2014, 2017; BRAVO, 2005, 2010). This interface is illustrated by the exchanges between common users of Instagram, with the comments of a publicity/news on the page of a journal (@ portalg1). We must assume that the indices of (un)politeness present will comment to us in a similar way to the attempts to dequalify the other controversies.

Keywords: Social networks. Argumentation. Controversy. (Un)politeness.

Resumén: La argumentación intenta influenciar al otro a través de varias estrategias textuales/discursivas, entre las cuales destacamos la (des)cortesia. Este documento tiene como objetivo señalar aspectos que permiten la interfaz entre el enfoque de argumentación desarrollado por Amossy (2017, 2018) y la perspectiva socio-pragmática de (des)cortesia (MARLANGEON, 2014, 2017; BRAVO, 2005, 2010). Esta interfaz se ilustra mediante intercambios entre usuarios comunes de Instagram, que comentan una publicación/noticia en la página de un periódico (@ portalg1). Nuestra hipótesis es que los índices de (des)cortesia presentes en los

* Doutoranda na área de Linguística Textual pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). <http://orcid.org/0000-0001-6811-423X>

** Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Líder do Grupo Protexito (CNPq/UFC). <http://orcid.org/0000-0002-5561-3993>



comentarios contribuyen significativamente a los intentos de descalificar al otro en las controversias.

Palabras clave: Redes sociales. Argumentación. Controversia. (Des)cortesía.

Introdução

Os estudos sobre análise da conversação e, posteriormente, de (im)polidez, inicialmente não tinham, como um dos objetivos, fornecer uma discussão que vinculasse as marcas de polidez linguística a propósitos argumentativos. Esses estudos buscavam encontrar padrões nas interações face a face e investigavam, por exemplo, as trocas de turnos e o comportamento linguístico dos falantes, uma vez que se filiavam a perspectivas interacionistas. Neste trabalho, iniciamos uma articulação promissora entre os estudos interacionistas da polidez linguística, os estudos culturais da (des)cortesia, a linguística textual e a análise da argumentação nos discursos, de Ruth Amossy. Para desenvolvermos a relação entre as teorias já mencionadas, discorreremos acerca das abordagens de (des)cortesia e de argumentação nos discursos, que podem respaldar as análises das estratégias argumentativas que nos são caras.

Inicialmente, justificamos a opção, a partir de agora, pelo termo (des)cortesia, e não pelo termo (im)polidez linguística, por entendermos que os estudos que o adotam se aproximam do que acreditamos ser mais produtivo e condizente com nossos propósitos, uma vez que consideram questões sociais mais amplas e sustentam uma visão menos estritamente ritualizada das interações, permitindo-nos estabelecer interfaces com a ideia de argumentação aqui tomada como base. Dentre esses estudos sobre descortesia, destacamos os desenvolvidos por Kaul de Marlangeon e Diana Bravo, os quais se filiam à pragmática sociocultural, cujos pressupostos nos parecem mais próximos daquilo que a linguística textual defende.

Kaul de Marlangeon (2017) explicita sua filiação à pragmática de perspectiva sociocultural ao mencionar seu interesse em “análise de textos reais oriundos da comunicação concreta” e, ainda, o foco de seus estudos “na relação entre o uso da

linguagem e os contextos socioculturais”. Dessa forma, a autora propõe contribuições teóricas e metodológicas que dialogam com a perspectiva que buscamos abordar neste trabalho.

Bravo (2005), por sua vez, se refere aos estudos clássicos sobre polidez como seguidores de uma “pragmática formal” ou uma “micropragmática”, isto é, a autora centra suas análises em um micronível, o qual abrange os enunciados e seu entorno elocutivo, associados, portanto, aos atos de fala, tão importantes no início dos estudos pragmáticos de perspectiva linguística. A autora, então, entende que, sob uma abordagem sociopragmática,

O foco de análise passa do enunciado e das cadeias de atos interdependentes à descrição da ‘realidade social do usuário’, do qual se daria conta ao usar a linguagem em relação a um ‘entorno’ que inclui o linguístico e o extralinguístico (BRAVO, 2005, p. 22-23).

É válido ressaltar que a autora diferencia “linguístico” de “extralinguístico”. Entendemos que essa diferença é utilizada na tentativa de demarcar a distinção entre as dimensões contempladas e consideradas nas análises anteriores e na proposta de Bravo, porém, na perspectiva dos estudos mais atuais de Linguística Textual, não é cabível a separação entre uma dimensão intra de uma extralinguística, porque as análises linguístico-textuais só podem ser concebidas numa integração total. O que costumamos chamar de *cotexto*, isto é, a porção material e superficial do texto, não incluiria somente elementos estritamente linguísticos (lexicais e gramaticais), mas também qualquer outra manifestação perceptiva aos órgãos dos sentidos. Ainda assim, a distinção que fazemos em linguística textual entre *cotexto* e *contexto* tem uma motivação apenas metodológica, preocupada em salientar o que é da ordem do explícito e do que é da ordem do implícito, ambos condicionados por aspectos socioculturais.

Para articular a teoria da argumentação nos discursos, pleiteada por Amossy (2017, 2018), e as perspectivas acerca da (des)cortesia de Kaul de Marlangeon (2014, 2017) e Bravo (2005, 2010), dividimos o presente trabalho da seguinte forma: primeiramente, discutimos de maneira breve perspectivas mais clássicas sobre (im)polidez e buscamos justificar a escolha pela abordagem de (des)cortesia das autoras já mencionadas; na

sequência, discorreremos acerca dos pressupostos adotados por Amossy (2017, 2018), especificamente os relacionados à violência verbal e à desqualificação do outro, e finalizamos com ilustrações de uma análise possível à luz da articulação teórico-metodológica proposta.

Da (im)polidez à (des)cortesia

Para analisar o gênero comentário do Instagram e suas respostas, apoiamo-nos em estudos sobre (des)cortesia. Dentro dos estudos sobre (im)polidez¹, não há como deixar de mencionar o mais produtivo até então e largamente utilizado em pesquisas posteriores, o de Brown & Levinson (1987)².

Influenciados, também, por Grice (1975), que descreveu o *princípio de cooperação*, e por Austin (1962) e Searle (1969), que se debruçaram sobre o estudo da pragmática actancial, Brown & Levinson (1987) desenvolveram a perspectiva de face, de Goffman (1987), à qual acrescentaram alguns aprofundamentos linguísticos, principalmente a polidez negativa. Os autores consideravam que as interações, todas elas, são potencialmente conflituosas e, com base nessa premissa, abordaram a questão da polidez sob um ponto de vista “defensivo” do falante, que, de certa forma, antecipava percepções possíveis do ouvinte e realizava certos atos de fala com o intuito de amenizar conflitos.

Esses atos de fala, também conforme os autores, podem se dar de quatro maneiras: os que ameaçam a face positiva do locutor, os que ameaçam a face negativa do locutor, os que ameaçam a face positiva do interlocutor e os que ameaçam a face negativa do interlocutor, isto é, há a presença de quatro faces durante a interação. São

¹ Utilizamos esses termos para discutir sobre as perspectivas que não se enquadram no enfoque da sociopragmática.

² Cf. BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

os conhecidos atos ameaçadores de face (*FTA*), os quais, na teoria apresentada por Brown & Levinson (1987), são alvos de reparação pelo falante.

Os autores sofreram severas críticas em relação à abordagem pessimista dada à polidez, considerando-a compensatória, uma vez que as interações, para eles, sempre seriam ameaçadoras da face dos interlocutores. A perspectiva universalista pretendida pelos autores e explicitada já no título da obra mais representativa da teoria também foi alvo de críticas, já que os aspectos elencados e classificados tinham como base culturas ocidentais e, conseqüentemente, não se aplicavam tão bem a outras culturas.

Outro ponto apresentado como problemático acerca da teoria desenvolvida por Brown & Levinson (1987) diz respeito às diversas classificações de atos de (im)polidez, as quais, por vezes, não contemplam determinados atos de fala, como os casos de polidez direcionados ao próprio locutor. Os autores desenvolveram cinco estratégias voltadas para a preservação da face positiva exercida pelo locutor em relação a seu interlocutor, das quais as *on record* são mais explícitas, claras e as *off record* são mais indiretas, a saber:

a) *On record*/sem reparação: quando as intenções e os interesses do locutor ficam bem claros, sem desejo de evitar ou amenizar danos. Exemplo: Devolva o livro;

b) *On record*/com reparação e com polidez positiva: quando os atos de fala são articulados com alguns recursos de polidez para minimizar os riscos de ameaça à face do outro, mostrando aproximação, simpatia e coincidência de desejos. Exemplo: Querido, você pode me devolver o livro?;

c) *On record*/ com reparação e com polidez negativa: quando os atos de fala são formulados de modo a manter a distância social entre os participantes e a evitar a ameaça de invadir o terreno alheio. Exemplo: Será que não seria possível você me devolver o livro amanhã?;

d) *Off record*: o locutor não explicita sua intenção, apenas a suscita, não se comprometendo diretamente com a interpretação do interlocutor. Exemplo: Você anda tão ocupado, que talvez nem precise mais ficar com o livro amanhã;

e) Não se faz atos ameaçadores de face: quando não se realizam atos.

Apesar da relevância incontestável, diversos foram os autores que apontaram aspectos problemáticos sobre a abordagem de Brown & Levinson (1987). Uma das

críticas mais ferrenhas foi Kerbrat-Orecchioni (2006; 2017), a qual, embora teça diversos comentários positivos acerca dessa teoria que utiliza como base, considera os conceitos de polidez positiva e negativa de Brown & Levinson como confusos.

Uma das importantes consequências desse posicionamento de Kerbrat-Orecchioni foi a autora introduzir a noção de *FFA* (*Face Flattering Acts*) ou *antiFTAs*, os quais são pensados como propiciadores de efeitos positivos à face do outro, como o elogio e o agradecimento. Essa noção, além de dar uma ideia menos pessimista da interação, conforme a autora, esclarece melhor as noções de polidez negativa e polidez positiva ao compreender a primeira como compensatória e a última como produtiva.

Para Kerbrat-Orecchioni (2006), assim como para Brown & Levinson (1987), polidez negativa tem uma natureza abstencionista, uma vez que evita ou reduz o prejuízo à face do outro. Ao fazer um pedido, por exemplo, a polidez negativa atua em minimizar um possível incômodo causado ao interlocutor por meio, por exemplo, de uma consulta prévia em forma de pergunta, “Eu posso te fazer um pedido?”. Dessa forma, o falante ameniza o ato ameaçador de realizar um pedido. Já a polidez positiva, diferente do que acreditavam os dois autores clássicos, não seria compensatória, mas produtiva, no sentido de produzir um elogio, por exemplo, ao mencionar a beleza de uma pessoa quando ela chega em uma festa. Neste caso, não há uma ameaça a ser “compensada”. Sendo assim, para a autora, ser polido não é somente abrandar *FTAs*, mas também produzir *FFAs*.

Além disso, Kerbrat-Orecchioni (2006; 2017) destaca o caráter ao mesmo tempo universal – dito que todas as culturas tendem a ser polidas em busca da harmonia da interação interpessoal – e variável – “na medida em que suas formas e suas condições de aplicação variam de uma sociedade pra outra” (2017, p.18). A autora ainda destaca que “as noções de ‘face’ e de ‘território’ não são conceituadas em todos os lugares da mesma maneira (em particular, elas podem ser concebidas como atributos estritamente individuais, ou, ao contrário, mais ou menos extensivos ao grupo)” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2017, p. 32). Concordamos com essa pertinente observação da autora, que parece ser o pontapé para alguns pressupostos postulados por Bravo (2005; 2010), para quem a (des)cortesia é uma questão extremamente sensível ao contexto e inscrita

socioculturalmente. “O objetivo de uma pragmática sociocultural seria o de descrever a produção e a interpretação das mensagens transmitidas pelos enunciados dentro do próprio sistema sociocultural ao qual se adscvem os falantes em estudo [...]” (BRAVO, 2010, p. 21).

Diante disso, Bravo (2010) propõe categorias “vazias”, no sentido de que é possível preenchê-las de acordo com a cultura e os valores de diferentes sociedades ou grupos sociais dentro de uma mesma sociedade, a saber: a) autonomia e b) afiliação. Ambas as categorias se pautam pelos níveis de aproximação e distanciamento em relação aos valores de grupos e são tidas como complementares, não como separadas e opostas, isto é, a compreensão dos valores que conferem a autonomia em relação a um grupo é dependente dos valores de afiliação a este.

A imagem de autonomia diz respeito ao distanciamento dos valores de um grupo com finalidades de assumir contornos próprios, de se destacar como indivíduo único dentro do grupo e ainda se relaciona com o orgulho e as qualidades próprias. Algumas formas de construir a imagem de autonomia são ter qualidades valorizadas, desempenhar atividades valorizadas, relacionar-se com pessoas com características positivas e ter opiniões reconhecidamente positivas.

A imagem de afiliação, por sua vez, diz respeito aos valores de um grupo de membros reconhecidos socialmente, construída por meio da reciprocidade e da confiança – entendida como liberdade para se expressar sem constrangimentos. Algumas formas de construir a imagem de afiliação são receber e mostrar apreço, ser solidário e comprometer-se com os demais membros do grupo, ser respeitoso.

A partir das contribuições de Bravo (2005, 2010), Kaul de Marlangeon (2014, 2017) desenvolve a ideia de Comunidade de Práticas (Des)Corteses, a qual fornece direcionamentos para a interpretação dos atos corteses e descorteses entre interlocutores. As Comunidades de Práticas estão, segundo a autora, relacionadas a hábitos pelos membros, sendo assim, existem Comunidades de Práticas Corteses e Comunidades de Práticas Descorteses. A compreensão acerca do tipo de comunidade de práticas sociais da qual os participantes fazem parte permite que o pesquisador oriente

as interpretações acerca das interações e considere, por exemplo, uma ofensa como um comportamento esperado.

Os membros de grupos de práticas corteses têm como hábito a preservação da imagem tanto do locutor quanto do interlocutor, há uma proteção mútua; há, ainda, uma tendência à adesão à pauta vigente. Já os membros de grupos de práticas descorteses veem o conflito como prática compartilhada do qual são obrigados a participar pelas circunstâncias ou por opção própria, e há a prevalência da figura do falante e de seus pontos de vista. Estes últimos grupos ainda são subdivididos em grupos de relações unilaterais e bilaterais. Nas relações descorteses unilaterais, são comuns as sobreposições de forças, uma vez que há uma assimetria de poderes. Os participantes têm ciência da diferença e assumem seus papéis de “violentador” e “violentado”, o que não ocorre nas relações descorteses bilaterais, em que os envolvidos possuem a mesma hierarquia dentro do grupo ao qual pertencem, e as descortesias tendem a ser recíprocas.

Sendo assim, o contexto de interação analisado neste trabalho, isto é, uma situação discursiva poligerida, na qual há o embate de vozes acerca da notícia sobre a qual os participantes comentam, tem como ponto de partida os preceitos de uma Comunidade de Práticas Descorteses com relações bilaterais, uma vez que entre os usuários da rede social em análise não há uma relação hierárquica ou sobreposição de forças. Em contextos como o analisado, por exemplo, um agradecimento muito provavelmente seria entendido como irônico e, portanto, ofensivo.

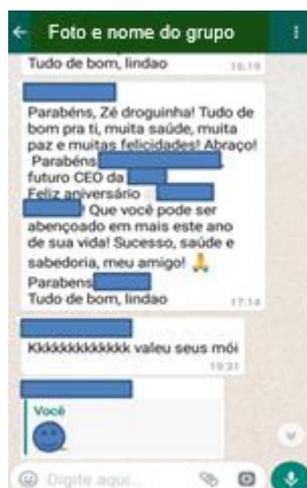
Diante disso, Cabral sugere que:

[...] uma maior proximidade entre os interlocutores faz com que as relações sejam mais igualitárias, com pouca hierarquia de poderes. Essa igualdade chancela maior liberdade na interação e menor cuidado relativamente à transgressão de normas sociais, o que pode levar à violência verbal (CABRAL, 2019, p. 420).

Dessa forma, questionamo-nos sobre o que seriam, a partir do que desenvolve Kaul de Marlangeon (2014, 2017), as normas sociais, uma vez que, em Comunidades de Práticas Descorteses, há uma tendência à Descortesia, por exemplo. Essa perspectiva corrobora o já mencionado por Culpeper (2011), o qual afirma que, “apesar de alguns

comportamentos verbais serem tipicamente impolidos, eles não serão sempre impolidos – a depender da situação” (p. 22). Entre dois amigos próximos, por exemplo, uma palavra ofensiva – no sentido mais prototípico e/ou dicionarizado e até descontextualizado – pode não ter nem a intenção, nem o efeito ofensivo, dado o hábito tolerado e mantido como não ofensivo pelos participantes da interação, como no trecho de uma conversa em grupo no Whatsapp, que segue.

Figura 1 – Conversa em grupo no Whatsapp



Fonte: Acervo das autoras.

Quando nos deparamos com contextos atuais de interação, como via redes sociais, possibilidades outras são evocadas e, embora pertinente, a afirmação de Cabral (2019) pode não ser aplicável a todos os tipos de interações, pois parece desconsiderar as comunidades em que a descortesia faz parte das normas de condutas na interação entre os participantes, por exemplo. É possível afirmar que entre desconhecidos as interações sejam mais desiguais? Ou que determinada conduta verbal transgride as normas sociais? As normas divergem de acordo com aspectos vários que se relacionam com a cultura do grupo em questão e, assim, em culturas diferentes, o efeito e a percepção do ato ofensivo podem variar.

Dito isso, as contribuições de Kaul de Marlangeon (2014, 2017) são mais produtivas, uma vez que, entendendo o tipo de comunidade analisada, as interpretações acerca das interações se tornarão mais coerentes na perspectiva do interlocutor, não do

locutor, com vistas à sua intencionalidade. Com isso, talvez seja possível compreender os efeitos causados pelo ato (des)cortês em situações específicas de interação.

A preservação mútua e as expectativas de receber ou de causar descortesia, conforme mencionadas, excluem que a homogeneidade, a paz, a harmonia e a felicidade sejam propriedades distintivas das respectivas comunidades de prática. Pelo contrário, o conflito pode constituir o núcleo essencial da prática compartilhada. Desacordos, desafios e competições podem ser suas formas de participação num tipo de empresa conjunta, cujo repertório compartilhado sejam os modos de produzir descortesia: palavras, símbolos, gestos, gêneros discursivos, ações e premissas culturais envolvidas. (KAUL DE MARLANGEON, 2014, P. 14).

Diante de alguns pressupostos trazidos por Bravo e Kaul de Marlangeon, os quais foram brevemente expostos, corroboramos o ponto de vista de que, em interações específicas, por exemplo no conflito – já mencionado por Kerbrat-Orecchioni (2014) –, o Princípio de Polidez³, que preconiza a tendência à polidez nas interações, nem sempre é seguido.

Em estudos mais recentes, Kaul de Marlangeon (2012) traz alguns apontamentos acerca do fenômeno da naturalização da descortesia ao analisar as interações em um programa de televisão em que a descortesia é tolerada e até esperada pelos participantes e expectadores, o que também é bastante observado em interações virtuais em que há, por exemplo, a atualização constante de polêmicas com o uso dessa estratégia. A autora ainda menciona o fato de que os indivíduos têm buscado cada vez mais o direito à expressão, independente de qual ponto de vista esteja sendo posto a público; esse direito é, em grande parte, das interações, reivindicado por meio da descortesia.

Porém, apesar de bastante desenvolvidos, os estudos acerca do assunto ainda não desenvolveram suficientemente a relação entre descortesia e argumentação. Os discursos virtuais, por exemplo, trazem um rico repertório para estudos em que a manifestação da descortesia é um artifício para o embate entre pontos de vistas diferentes. É necessário que se investigue de que maneira a descortesia é mobilizada em prol da defesa de pontos de vista, e se ela é uma estratégia recorrente com vistas ao acirramento entre posicionamentos.

³ Conferir Leech (1983).

Descortesia e argumentação

Amossy (2017), em seu capítulo *A violência verbal: funções e limites*, discorre sobre o uso funcional e, portanto, argumentativo da violência verbal. A autora ainda destaca que nem sempre a polêmica está associada ao uso de violência verbal, porém reconhece que, em alguns casos, essa estratégia é mais recorrente e cita as conversações digitais. Esta é a razão pela qual elegemos os comentários para nossa análise, uma vez que observamos o uso da descortesia em comentários na rede social Instagram.

Amossy (2017) cita algumas situações em que a violência verbal pode ser utilizada em modalidades argumentativas polêmicas. São elas:

- a) uma forte pressão ou uma coerção é exercida para impedir o outro de se exprimir e de expor livremente seu ponto de vista;
- b) o ponto de vista do outro é desconsiderado ou ridicularizado;
- c) o polemista ataca a própria pessoa do oponente;
- d) o ponto de vista, a entidade ou a pessoa que o incorpora são assimilados ao mal absoluto;
- e) a violência ligada ao *pathos*;
- f) o polemista faz uso de insultos contra seu adversário.

Vale notar que, nessas interações de conflito irresolúvel, o uso de termos expressamente violentos não é obrigatório, ainda que seja bastante provável. Pode haver coerção, apelo às emoções, por exemplo, sem que necessariamente se recorra a expressões de violência verbal.

Esses parâmetros parecem influenciar a proposta de Seara e Cabral (2017) acerca das funções que a violência exerce na argumentação. Elas são pautadas não só na função argumentativa que a desqualificação do outro desempenha nas interações, como

também dão um lugar privilegiado às reações, isto é, às respostas dadas a comentários anteriores, as quais são divididas em cinco⁴:

a) desqualificação direta focada no outro: avaliação negativa em relação ao usuário via comentário reativo, isto é, o outro é o usuário produtor da contribuição inicial ao qual o comentário reativo se dirige. Ex.: “Você mente para tirar o foco da relação do seu patrão com milicianos”.

b) desqualificação direta focada no objeto: avaliação negativa em relação ao tema do conjunto de contribuições – o que inclui o comentário inicial e os reativos – via comentário reativo. Ex.: “As medidas são panfletárias...”.

c) desqualificação direta focada nos argumentos: avaliação negativa em relação aos argumentos usados em defesa de um ponto de vista. Ex.: “Nós sabemos. O [menção a um partido político] puxa saco de bandido mesmo, e tem discurso HIPÓCRITA de ser contra a milícia”.

d) desqualificação indireta coconstruída: estado ou sentimento negativo por parte do produtor do comentário reativo em relação ao produtor do comentário inicial. Ex.: “[...] Fico triste por ver seu trabalho sendo sabotado todo o tempo, mas tenho fé de q essas serpentes serão esmagadas. [...]”

e) desqualificação indireta desviante: o usuário apresenta outro tema, mas não pertinente à discussão, introduzindo, por vezes, um novo tópico. Ex.: “É de se esperar, cabe ao povo não votar mais neste partido e seus aliados!”.

Apesar de as funções elencadas pelas autoras aparentarem dar uma importância especial para os comentários reativos, entendemos que elas podem aparecer também no comentário inicial. Essas funções são tidas como norteadoras das análises das autoras, e não como funções estanques. Seara e Cabral (2017) chamam a atenção para a possibilidade de atualização dos parâmetros considerando a diversidade de interações, sobretudo em âmbito virtual.

⁴ Todos os exemplos utilizados aqui são tweets diferentes em resposta a um tweet do então Ministro Sergio Moro, a saber “[Não gosto deste jogo político. Mas verdades precisam ser ditas. No projeto de lei anticrime, propusemos que milícias fossem qualificadas expressamente como organizações criminosas. Propusemos várias outras medidas contra crime organizado. O PSOL, de Freixo/Glauber, foi contra todas elas](https://twitter.com/SF_Moro/status/1227918044887965697)”, disponível em: https://twitter.com/SF_Moro/status/1227918044887965697

É válido ressaltar que, como analisamos interações virtuais escritas, não consideramos a possibilidade de interrupção do outro – prevista nas considerações acerca do uso da violência verbal por Amossy (2017) –, o que corrobora com a perspectiva de que situações interativas distintas envolvem aspectos variados, conforme destaca Muniz-Lima (2019):

[...] interação como um processo pelo qual os interlocutores, conduzidos por seus propósitos comunicativos, constroem conjuntamente sequências de comportamentos em direção a esses objetivos, não só sob influência dos modos de enunciação oral e gestual, aspectos enfatizados na investigação da pesquisadora, mas também sob influência de outros recursos, como o grau de formalidade, o tipo de gestão das vozes, o nível de sincronicidade, o tipo de mídia, dentre outros aspectos⁵.

Para ilustrarmos o uso das estratégias elencadas por Amossy (2017), utilizamos algumas respostas – ou comentários reativos, na nomenclatura usada por Seara e Cabral (2017) – da sequência de comentários que selecionamos previamente. O corpus analisado, então, considera uma interação com tendências à informalidade, que ocorre na mídia internet, particularmente na mídia Instagram, em textos poligeridos⁶. Assim, na situação que analisamos, várias vozes têm vez na interação, pois há troca de turno, que pode ser tanto síncrona quanto assíncrona.

Uma breve demonstração

⁵ Trecho da apresentação realizada no III Workshop de Linguística Textual (UFC, 2019).

⁶ Acerca do que a autora trata por polêmica, é válido ressaltar a distinção entre discurso polêmico e interações polêmicas, em que a gestão de vozes é o critério para a diferenciação. Para Amossy (2017), o discurso polêmico diz respeito às interações em que apenas um locutor administra as vozes em um texto; uma notícia, por exemplo, embora possa dar espaço a outras vozes, é somente o locutor que as gere e escolhe como elas vão ser usadas de acordo com um propósito específico. Já a interação polêmica diz respeito às situações em que os interlocutores têm espaço ativo na interação e fazem a gestão de suas vozes como acontece em uma página pública da internet, em que os interlocutores são livres para comentar e interagir com outros usuários de uma rede social. Para evitar confusões terminológicas, chamaremos de texto *monogerido* ao “discurso” polêmico, e de texto *poligerido* à “interação” polêmica.

Uma vez expostos alguns pressupostos teórico-metodológicos que embasam a interface proposta, apresentamos uma possível análise de textos poligeridos em polêmicas em redes sociais. Para exemplificarmos, optamos por usar uma notícia veiculada na página do Instagram de um portal nacional de notícias (@portalgi). A notícia informa sobre o destaque da Drag Queen Pabllo Vittar no evento MTV European Music Awards, que ocorreu no dia 03 de novembro de 2019, em Sevilha, Espanha. O recorte utilizado foi coletado por meio de *print screens* datados de 12 de novembro de 2019. A cantora, em geral, suscita debates acirrados acerca da sua sexualidade e visibilidade entre os artistas brasileiros. Em tempos de ascensão mundial, com ênfase na realidade brasileira, de pontos de vistas mais conservadores, os comentários de notícias que envolvem a Pabllo costumam evidenciar embates entre perspectivas distintas.

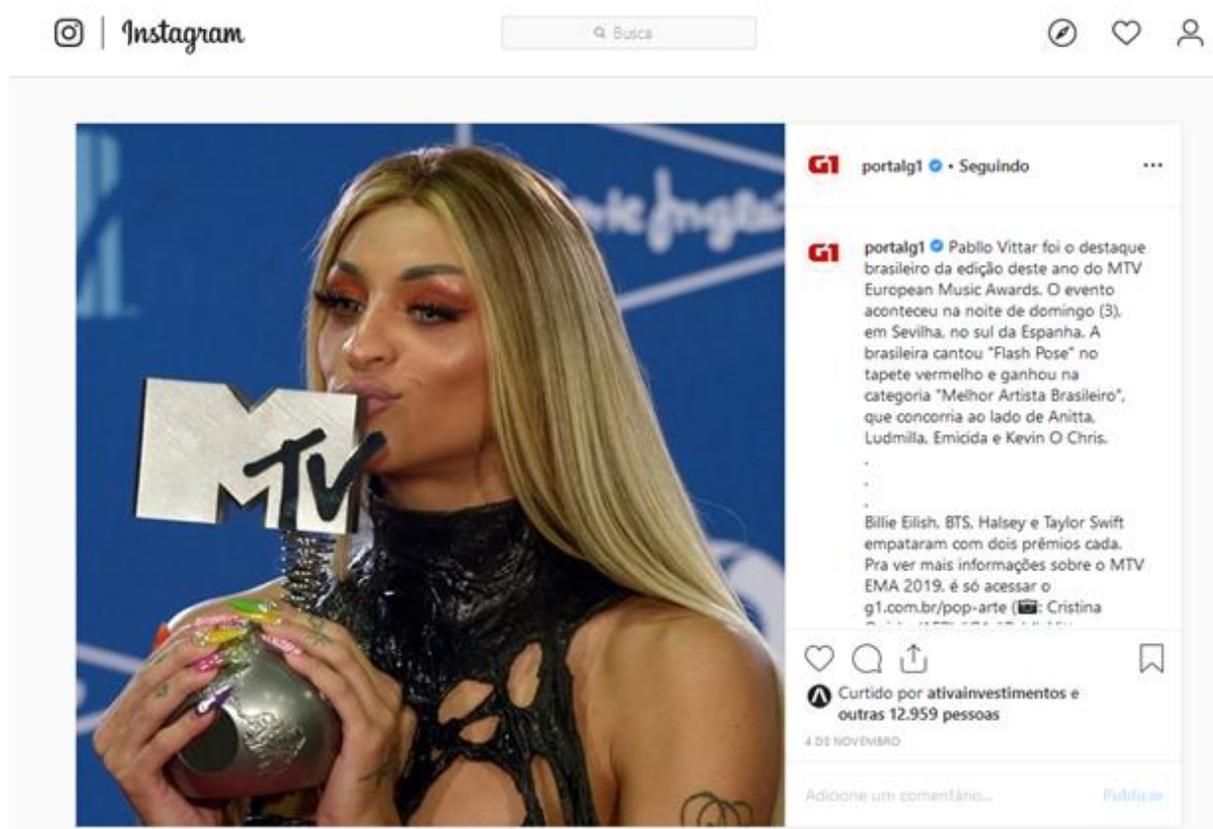
A escolha pela publicação está relacionada ao intuito de estabelecer relações entre (des)cortesia e argumentação, uma vez que essa interação, considerando a situação comunicativa imediata e o contexto, suscita debates acirrados, o que favorece a análise/demonstração pretendida. Na situação imediata destes casos, os usuários pertencentes a grupos diversos, com crenças diferentes, respondem um comentário por meio de menções diretas (utilizando o recurso do @) ao interlocutor. No contexto dessas ocorrências, valores em relação à justiça acerca da premiação, por exemplo, são postos à prova e negociados entre os interactantes.

Como observa Plantin,

Uma situação languageira começa a se tornar argumentativa quando nela se manifesta uma oposição de discursos. [...] A comunicação é plenamente argumentativa quando essa diferença é problematizada em uma Questão, e quando dela surgem claramente os três papéis actanciais de Proponente, Oponente e Terceiro (PLANTIN, 2008, p. 63).

Um exemplo do que aborda o autor pode ser encontrado nos comentários que sucedem a publicação a seguir:

Figura 2 – Notícia publicada no Instagram do @portalg1



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B4cme7vg2Cz/>

Dos vários comentários presentes acerca da publicação⁷, selecionamos o que aparece primeiro⁸. A escolha se justifica pelo fato de acreditarmos que, dada a dificuldade de lidar com questões relacionadas à intencionalidade de atos (des)cortes, comentários com respostas e, por vezes, uma sequência de trocas de turnos nos permitirão observar a forma como os participantes da interação percebem os enunciados do outro, conforme sugere Kerbrat Orecchioni (2017).

Apesar de Bravo (2010) defender que é preciso ter acesso aos participantes da interação e que seria insuficiente a interpretação com base nos conhecimentos do analista, acreditamos que seja adequada, sim, uma pesquisa fundada nos textos divulgados na Internet. Na verdade, nenhum analista pode ter acesso às

⁷ Estamos considerando publicação como sinônimo da notícia veiculada pelo portal de notícias, isto é, imagem e legenda.

⁸ O algoritmo do Instagram identifica o que é mais importante para cada perfil, padrão de seleção por relevância; sendo assim, a disposição dos comentários varia de usuário pra usuário.

intencionalidades dos sujeitos empíricos: tudo é sempre uma projeção que se faz. Entrevistas não seriam viáveis dentro de uma proposta de análise de interações virtuais via redes sociais, uma vez que os autores dos comentários já teriam uma interpretação outra – dada a distância temporal da redação do comentário e da entrevista realizada. Assim, instrumentos como esse não seriam condizentes com os propósitos da presente pesquisa. Buscamos sanar esse problema considerando o texto e o contexto (vistos de forma ampla e estrita) em recortes mais extensos da troca verbal entre os participantes.

Para garantir o anonimato dos participantes da interação analisada, omitimos o *username* real dos usuários e organizamos os comentários por meio de legendas que explicitam os locutores e os interlocutores que interagem de maneira direta, como ilustramos a seguir.

Figura 3 – Organização geral das interações

O diagrama mostra uma sequência de comentários e respostas em um formato de lista. O primeiro item, 'C1LR@not', está em azul. Os itens subsequentes, 'R1WF@LR' até 'R11BS@LT', estão em vermelho. Cada item é composto por um código de participante, um símbolo '@' e um código de interlocutor, todos sublinhados. O código de participante varia entre 'R1' e 'R11', e o código de interlocutor varia entre 'LR', 'WF' e 'LT'.

Fonte: Acervo das autoras.

Com base no apresentado na figura 3, C₁ diz respeito ao comentário 1, no qual LR (autores em laranja) dá início à discussão e se refere à notícia publicada pelo portal (interlocutores após @ e sublinhados). A seguir, em vermelho, aparecem as respostas em sequência (R₁, R₂...), às quais Cabral (2019) intitula comentários reativos, direcionadas a interlocutores distintos representados por @ seguido de iniciais sublinhadas. É possível perceber que a interação em que há mais trocas de turnos é entre WF e LT; mesmo quando outros participantes interagem, em geral se dirigem a WF e LT.

Figura 4 – Print screen 1



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B4cme7vg2Cz/>

Na Figura 4, como podemos observar, o internauta LR comenta a notícia (@not) de maneira positiva, uma vez que há a presença de um adjetivo bastante utilizado em redes sociais – “top” – acompanhado de emojis que expressam uma espécie de apoio ao que está sendo veiculado na página do jornal G1, o recebimento do prêmio por Pablllo Vittar. Sem fazer menção⁹ no comentário, isto é, sem utilizar o recurso (@) que se reporta direta e explicitamente a algum interlocutor específico, LR se afilia ao grupo de pessoas que apoiam e concordam com o prêmio concedido à artista. Esse comentário, portanto, conforme sustentam Seara e Cabral (2017), exerce a função de elogio direto ao objeto, isto é, ao tema da notícia.

Logo abaixo, o usuário WF da rede social utiliza o recurso “Responder” posicionando-se diretamente de forma contrária a LR, já que inicia o comentário comparando a voz da artista à do “Mickey Mouse”. É válido ressaltar que a personagem da Disney é, por vezes, motivo de chacotas por ter uma voz considerada, por alguns, afeminada, visto que é mais fina. Ao fazer essa comparação em forma de pergunta, o

⁹ Esse recurso, quando utilizado, faz que o interlocutor mencionado receba notificações em seu perfil que avisam sobre a resposta e ainda facilitam o acesso a ela.

comentário exerce a função de desqualificação direta focada no outro – reforçada pela risada que segue, interpretada por nós como irônica, visto que o alvo da desqualificação está relacionado ao assunto da publicação, mas, ao mesmo tempo, põe em xeque a perspectiva da autora do comentário inicial. Essa parte do comentário revela uma indignação no que tange à premiação noticiada pelo portal G1, já que o locutor do comentário R1 parece considerá-la uma injustiça. Assim, instaura-se uma interação polêmica pela divergência total entre pontos de vista, o que é expresso de maneira eficaz, com a justificativa dada pelo polemista. Amossy (2017) aponta a desconsideração ou ridicularização do outro como estratégia de ganhar a adesão, senão do oponente, pelo menos do terceiro, considerando a “arena pública” em que se transformaram as redes sociais.

É possível observar, ainda, que WF, após fazer a comparação que descredita o mérito da artista, se justifica ao dizer não pertencer ao grupo de preconceituosos, o que é, por nós interpretado, uma resposta em relação à sexualidade da Pablla, tão debatida e criticada por diversos brasileiros. A autonomia que WF reivindica em relação ao grupo de pessoas com preconceitos sexuais se apresenta como uma estratégia argumentativa, uma vez que busca traços e valores semelhantes aos de LT, ou aos que ele supõe que LT sustente. Aparentemente, ser preconceituoso seria um ponto de concordância, ou seja, valores compartilhados e interpretados como conduta negativa, compatibilidade à qual WF recorre no intuito de demonstrar credibilidade e, assim, convencer.

Cumpramos ressaltar a descortesia presente no fragmento “o sujeito canta ruim mesmo”, o qual transparece um juízo de valor negativo claro. A opção por não mencionar nem o nome da artista – usando “o sujeito” como forma de retomar – também é outra forma de marcar a ofensa.

Figura 5 – Print screen 2



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B4cme7vg2Cz/>

Na figura 5, outra usuária da rede social interage diretamente com WF e se filia ao grupo que acredita que a Pabllo não tem competência para ganhar o prêmio em questão, isto é, concorda com WF e discorda de LT. Ao comentar “não canta nada né colega”, o enunciado de K42 cumpre a função de desqualificação direta focada no objeto, porque se refere à cantora alvo da notícia da postagem. No comentário R4, LT se refere a WF e inicia a desqualificação não mais voltada ao objeto, mas ao outro. LT faz duas perguntas que, a nosso ver, são irônicas e jogam com um possível desconhecimento por parte do interlocutor acerca de condutas, consideradas por ela, razoáveis de convivência, isto é, não é necessário ofender a cantora, basta não ouvir. A usuária ainda utiliza um neologismo considerado de baixo calão, “bostejando”, para desqualificar a atitude e os comentários de WF.

Em resposta ao insulto de LT, WF afirma que já faz o que LT sugere e continua desqualificando a artista, porém, dessa vez, recorre a argumentos vinculados à identidade de gênero da artista ao mencionar “o cara nasceu homem, mas força a voz para parecer mulher” e segue retribuindo a ofensa utilizando o mesmo neologismo que LT. WF ainda acrescenta uma menção à vergonha passada por ela ao acusá-lo dessa forma. É possível perceber o tom mais agressivo, especificamente, entre LT e WF.

Figura 6 – Print screen 3



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B4cme7vg2Cz/>

Na figura 6, em que LT responde WF, a interagente já não argumenta em favor da qualidade da voz da artista, foco inicial da polêmica, ela foca na parte do comentário em que WF menciona acerca da sexualidade e rebate informando sobre a forma com as Drag Queens, em geral, se apresentam. LT ainda finaliza, novamente, questionando as informações que WF tem acerca do assunto, em uma tentativa de desqualificá-lo, mostrando que ele não é competente o suficiente para debater acerca do assunto. Outra vez LT é descortês ao usar a palavra “bostejando” e ao questionar a propriedade do adversário acerca do assunto em questão.

WF, por sua vez, rebate por meio das palavras de LT ao usar as aspas – “a Pablo” – seguidas de emojis rindo, isto é, ridicularizando suas palavras de maneira clara e direta. Em seguida, desvia um pouco do assunto principal e questiona o uso da norma-padrão da língua portuguesa por parte de LT, o que é mais uma vez feito por R4045, que retoma a palavra “emprenhasse” entre aspas usando as palavras da própria LT para descredibilizá-la por meio de uma risada via emoji. No comentário R9, R4045 ainda se filia à perspectiva de WF ao concordar através de comentários desqualificadores em relação a LT, movimento já praticado por WF anteriormente.

É possível, até então, perceber dois grupos sendo formados, a saber: a) os que desaprovam a premiação dada a Pablo Vittar e b) os que apoiam a concessão da premiação de melhor artista a Pablo Vittar.

Figura 7 – *Print screen 4*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B4cme7vg2Cz/>

No comentário R10, LT segue desqualificando o oponente ao trazer informações sobre as Drag Queens, tidas por ela como desconhecidas por WF. A usuária ainda sugere que ele precisa estudar. Em seguida, um internauta que, até então, não havia participado recorre à fala da própria LT e a coloca entre aspas – “é homem e quando não está montada se veste de homem” – para questionar a credibilidade do argumento ao usar interrogações. De acordo com Seara e Cabral (2017), esse recurso exerce a função de desqualificação direta focada no argumento.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos traçar alguns aspectos dos estudos sobre a descortesia de abordagem sociopragmática – isto é, centrada em uma análise que transcende os atos de fala da pragmática clássica – a qual se articula para a desqualificação do outro e

atende, assim, a objetivos argumentativos em prol da defesa de pontos de vista expostos e negociados nas interações via redes sociais.

Na interação em que investigamos a descortesia entre usuários da rede social Instagram, percebemos o constante uso dessa estratégia discursiva com vistas à defesa de um ponto de vista acerca da notícia publicada pela conta do Jornal G1. Os usuários, para defender suas opiniões, lançavam mão de estratégias, na maioria dos comentários reativos, ofensivas na tentativa de desqualificação do outro. Dessa forma, foi possível verificar que há uma tendência a não proteger as faces, com vistas ao terceiro, não ao outro, o que comprova a afirmação de Amossy (2017) de que, na polêmica, as tentativas de persuasão são dirigidas indiretamente ao terceiro.

Em relação ao foco dado pelos usuários em seus comentários, encontramos, não apenas as categorias sugeridas por Seara e Cabral (2017), mas também identificamos a desqualificação direta focada no ponto de vista, uma vez que nem sempre o usuário argumenta em prol da defesa de seu posicionamento, apenas o expõe, talvez uma característica mais frequente nos comentários iniciais (para comprovar essa hipótese, seria necessária uma pesquisa com corpus mais extenso). É válido ressaltar que, ao descreverem as funções do enunciado violento, as autoras dão lugar privilegiado ao comentário reativo, provavelmente por esse motivo encontramos outras possibilidades em comentários iniciais, como o analisado “Top”.

Além disso, acreditamos ser possível alargar a concepção da desqualificação indireta coconstruída, entendida pelas autoras como “estado ou sentimento negativo por parte do produtor do comentário reativo em relação ao produtor do comentário inicial”, e admitir a possibilidade de o comentário reativo ter como foco ou os argumentos, ou o ponto de vista.

Convém, ainda, pontuar que as funções elencadas por Seara e Cabral (2017) exercem, assim como a descortesia para o trabalho de faces e a argumentação, funções secundárias, por exemplo, a desqualificação direta focada nos argumentos tem consequências, inclusive, para o outro o qual utilizou argumentos para se posicionar, porém de maneira indireta.

Sobre as formas como essas funções se atualizam nos comentários em que os usuários se referiam ao outro, aos argumentos ou tinham outros focos, é possível perceber o uso de denominações em expressões referenciais desqualificadoras, como é o caso de “Mickey Mouse”, ao se referir à voz da cantora e “pobre”, ao lamentar o uso equivocado da Língua Portuguesa.

A adesão ou não a um grupo, o qual tem como característica marcante a adoção de determinados pontos de vista ou ainda de argumentos recorrentes, se apresenta, na análise realizada, como mais uma forma de descortesia e, conseqüentemente, de argumentação. O embate de pontos de vista e as concepções de autonomia e filiação (BRAVO, 2010) nos permitem entender de maneira distinta os efeitos da descortesia para a persuasão. Um enunciado descortês, por exemplo, tem efeitos distintos a depender do grupo ao qual o locutor se filia e do interlocutor a quem se dirige, influenciando, ainda, o terceiro, no caso das interações públicas, como ocorre nas redes sociais. Esse mesmo enunciado pode, ao mesmo tempo, ofender um interlocutor e reafirmar alguns posicionamentos de outro, um terceiro.

Vale, finalmente, destacar a necessidade de discutir descortesia e violência verbal, termos que foram, por vezes, utilizados como sinônimos neste trabalho. Entender, por exemplo, o entendimento de alguns autores, como Cabral (2019), de descortesia como transgressão às normas em relação ao contrato de interação.

Referências

- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Trad. Eduardo Lopes Piris et al. São Paulo: Contexto, 2018 [2000].
- _____. *Apologia da polêmica*. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2017 [2014].
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford. University Press, 1962.

BRAVO, D. Categorías, tipologías y aplicaciones. Hacia una redefinición de la cortesía comunicativa. In: BRAVO, D. (Ed) *Estudios de la (des) cortesía en español*. Categorías conceptuales y aplicaciones a corpora orales y escritos, v. 1, Buenos Aires: Dunken. 2005. p. 21-52.

_____. Pragmática socio-cultural: La configuración de la imagen social como premisa socio-cultural para la interpretación de actividades verbales y no verbales de imagen. In: ORLETTI, Franca; MARIOTTINI, Laura (Ed.). *(Des)cortesía en español: espacios teóricos y metodológicos para su estudio*. Roma-Estocolmo: Università Degli Studi Roma, 2010. p. 19-46.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CABRAL, A. L. T. Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no Facebook. *Calidoscópico*, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, v. 17, n. 3, set.-nov., 2019.p. 416-432.

CULPEPER, J. *Impoliteness using language to cause offense*. Cambridge, Cambridge University Press, 2011. p. 292.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Ed.) *Syntax and semantics*, v.3: Speech Acts. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

KAUL DE MARLANGEON, S. B. Encuadres de aspectos teóricos-metodológicos de la descortesía verbal en español. In: MORALES, J. E., VEGA, H. G (Org.). *Miradas multidisciplinares a los fenómenos de cortesía y descortesía en el mundo hispánico*. 1a ed. Barranquilla-Estocolmo: Universidad del Atlántico - Universidad de Estocolmo; CADIS – Programa EDICE, 2012, 761 págs. ISBN: 978-958-8742-25-0

_____. Delimitación de unidades extralingüísticas de análisis del discurso de (des)cortesía. *Signo y Seña*. Buenos Aires, n. 26, p. 7-21, dez. 2014.

_____. Contribuições para o estudo da descortesía verbal. In: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. (Orgs.). *Descortesía e cortesía: expressão de culturas*. São Paulo: Cortez, 2017.p. 93-108.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Abordagem intercultural da polidez linguística: problemas teóricos e estudo de caso. In: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. (Orgs.). *Descortesia e cortesia: expressão de culturas*. São Paulo: Cortez, 2017. p.17-56.

_____. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LEECH, G. *Principles of pragmatics*. New York: Longman, 1983.

MUNIZ-LIMA, Isabel. Modos de interação digital no hipergênero webnotícia. In: *III Workshop em Linguística Textual: texto, discurso, gênero e interação*, 2019. Fortaleza: UFC, 2019.

PLANTIN, C. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

SEARA, Isabel Roboredo; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. O comentário elogiativo nas redes sociais: estratégias de cortesia valorizadora. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*. n. 3, set. 2017. p. 311-332. Disponível em: <<https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln3ano2017a17>>. Acesso em 18/01/2020.

SEARLE, J. R. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1969.

Recebido em 03/03/2020.

Aprovado em 14/07/2020.